



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 134 A 140 — BARCELOS

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

O SEU PRIMEIRO DOENTE

(De The Animal's Friend)

Ha muitos anos existiu uma joven de nome Florencia. Montada em um *ponneg* que possuia dava largos passeios em que era acompanhada por um amigo, o presbitero da parochia.

Um dia ofereceu-se-lhes um estranho espectáculo.

Viram um pastor que procurava reunir os carneiros e encerralos no redil; e fazia-o com muito custo por lhe faltar o auxilio do cão.

Não sei se procurava imitar as vozes d'esse animal, o que se via era que ele corria após os carneiros e quanto mais corria mais os carneiros se dispersavam.

Florencia e o seu companheiro detiveram-se inquirindo porque razão não tinha ele consigo o seu *colie*; em resposta o pastor contou-lhes o triste caso.

O cão, *Cap* estava muito doente duma pata; parecia-lhe até que tinha o osso partido.

Cap sofria tanto que já pensara em o matar.

«Tenho que levar uma corda e estrangular o pobre velho», concluiu o pastor.

Quando Florencia ouviu isto ficou tão impressionada que perguntou onde estava o cão; e acompanhada do seu amigo encaminharam-se para a cabana do pastor, onde *Cap* estava deitado.

O pobre cão jazia triste a um canto; agitou a cauda, como que

disendo que ali ao menos não lhe faziam mal.

O padre tateou-lhe a pata inchada.

«Não tem o osso partido; vamos tratá-lo com umas compressas quentes e a inflamação desaparecerá.»

«O que é uma compressa?» perguntou Florencia. O padre explicou então que as compressas eram tiras de pano embebidas em agua quente e enroladas no ponto inchado, para diminuir a inflamação.

Florencia ficou muito encantada com esta idéa; e acendeu o lume



FLORENCIA

para fazer ferver a agua. Procurou depois um pedaço de pano, mas só encontrou a camisa domingueira do pastor.

«E' preciso servir-me dela, penso; a mamã lhe dará outra nova.»

Rasgou-a em tiras, que embebeu na agua quente, e envolveu muito bem a perna doente do pobre *Cap*, que se deixou tratar com toda a paciência.

Gemia docemente, como que disendo:

CANÇÃO FINAL

*Fugiu-me a crença — a pomba estremecida
Que voava no céu do meu amor...
Leva consigo est'alma dolorida,
Leva consigo o meu antigo ardor!*

*E' mais uma ilusão triste, caída
No deserto sem fim da minha dor...
Mais uma esperança morta, destruída,
Mais uma rosa que perdeu a cor!*

*Fugiu-me a crença. O teu desdem, crença,
Amortalhou a lúcida esperança
Que me doirava as nuguas e o sofrer...*

*E numa hita formidanda, imensa,
Despedaçando a minha ardente crença,
Sinto que vivo — porque vou morrer!*

HAMILTON DE ARAUJO

«Não me sinto capaz de gritar, mas digo—obrigado a meu modo.

Quando isto foi feito, o presbitero queria reconduzir a pequena Florencia, mas ela pediu-lhe que a deixasse ficar e fosse prevenir sua mãe.

Permanecendo junto do cão todo o dia, renovou as compressas se bem que para a tarde a inflamação estava quasi extincta.

Pouco depois sentiram-se os passos do pastor que entrava com um ar triste e trazendo uma corda.

Quando o animal presentiu o dono dirigiu-lhe uns pequenos latidos de saudação que alegraram tanto o pastor que exclamou:

Menina, mas o cão está melhor! Nunca pensei que me tornasse a receber assim!»

Largue a corda respondeu

dar o braço a torcer... Não: ia continuar a discutir; já todos sabiam como ele era teimoso.

Pensava numa nova pergunta que deveria entupir o estudante, quando entrou na loja desabridamente, como um furacão desvastador, o sr. Joãozinho da Marnóta, com o eterno risinho hipocrita a aflorar aos lábios:

—Adeus Belisinho!

E reparando em Eduardo:

—Olá seu amiguinho! Inda por cá?

—E' verdade: ás ordens cá do mestre.

—Ó Beli? Esteve por cá o doutor?

—Fez ontem á noite a barba.

—E o dr. delegado?

—Ó menino: saiu ha meia hora daqui.

—Que diabo... Quero rapar os queixos, mas vou primeiro, num pulo, ao tribunal, levar estes processos. Té loguinho, té loguinho.

E saiu ás corridinhas.

Durante minutos apenas se ouviu o tilintar apressado da tesoura. O *figaro*, locubrando intimamente, nem deu tento na chegada dum

Florencia, e venha aprender a fazer compressas.»

Explicou-lhe o meio de tratar *Cap*, e depois regressou a casa, mas voltou todos os dias, até que o cão podesse correr de novo e vigiar o rebanho.

As crianças que leem estas linhas sabem quem era esta joven? Falou-se depois muito nela; quando foi conhecida sob o nome de *miss Florencia Nightingale*, e que na guerra da Criméa foi a enfermeira dos feridos.

Era até ha bem pouco uma graciosa e amavel velhinha, de coração repleto duma bondade igual á de Cristo.

Não desejais ser como ela, ternos, affectuosos, e cheios de bondade?

Maria Pacheco Leitão.



Contos d'agora

BERTA — A QUE MORREU Á FÓME

A Júlio de Lemos—o delicioso contista das *Campesinas*.

A primeira vez que vi Berta de Sousel foi em Barcelos, numa quinta feira, ha quinze anos talvez.

Lembro-me bem, porque desse dia ficu-me na alma uma recordação perdurável.

Da ampla janela da casa da sua família, ela contemplava com desvanecimento, mais que os transeuntes, a coorte de admiradores que, em baixo na botica fronteira e no Café, lhe rendia homenagens. Berta não era por certo duma beleza estonteante, mas era duma plastica magnifica, escultural como as estátuas de Fidias; e Rafael, decerto copiaria dela uma madona!

Era tão simpática e atraente, que todos

novo freguez que deu os bons dias e se amodornou numa cadeira, ao canto. Depois á porta chegou um rapasito, filho dum pescador da ribeira que perguntou:

—Tio Beli? Diz meu avô se pode vir fazer a barba?

E ficou-se á espera da resposta. Mestre Belisario, imerso em pensamentos profundos, não respondeu porque não ouviu.

—Tio Beli? digo-lhe que venha?—insistiu o rapaz.

O freguez que se amodornou ao canto espreguiçou-se e bocejou depois do que disse:

—Ó seu Belisario? Você não responde ao rapaz?

Mas precisamente nesta altura o barbeiro, endireitou o busto, deu descanso ás tesouras e, saltando a vista pela porta fóra, perguntou a Eduardo:

—Diga cá: então a gente tem ou não tem alma?

—A alma é a vida.

—A vida! Pois é claro que um morto é como um animal: não tem alma.

(Continua.)

2.º

Mestre Belisário
combatendo o ateismo

POR

Manuel Boaventura

—Decerto. Foi um homem como Matoma e como nós. Foi um iluminado que pregou uma religião aparentemente nova, mas que afinal era uma modificação das religiões dos indios, da dos persas, e do paganismo grego, além dalguns preceitos da moral dos filosofos-moralistas, ficou-nos o culto das imagens. Os indios, muitos anos antes da vinda de Cristo tiveram um deus a quem chamavam Christna. Já vê que os cristãos foram tam pouco originaes que até copiaram o nome do seu deus.

Mestre Belisário que se orgulhava de calar bachareis, ficou entupido. O estudante na verdade era uma grande, uma extraordinaria capacidade mental. Ele dizia que não existia Deus... Na verdade parecia que a

existir um Deus com forma humana, —um director do mundo, sabio e poderoso, não deveria haver o Mal sobre a terra, nem a Dor a perseguir a humanidade. Deus existia? E porque nascera cego o mulato Araújo que ha bem pouco viera ali á porta pedir esmola ao dr. Delegado e ao brasileiro Capela? Porque nasceu tão disforme o corcunda do Rafael e tão horripilante aquela familia de leprosos—os Jalicas? Existia um Deus sabio, grande, poderoso? Então para que consentiu que a Natureza nos seus reconditos laboratórios originasse um ser disforme como aquele que ha oito anos dera á luz a Rosa Ratanprona—uma creatura com duas cabeças, um só tronco e quatro pernas? Ein! Eduardo tinha razão. Em padres já ele não acreditava ha muito. Corja! O que eles queriam era engrolar muito latim para encher a barriga... Em Deus acreditára sempre. Mas estes raciocinios e as afirmações de Eduardo convenciam-no do contrario. Em sua consciencia ficaria definitivamente assente esta suprema verdade: Deus nunca existiu! Mas não era ele o parvo que ia já

Illusão perdida

*Ao ver as aguas d'um rio
Serenas, a deslisar,
Murmurando na passagem
Impellidas pela aragem,
Até irem ter ao mar...*

*Eu penso então que essas aguas
Que beijam os salgueiros
Já nunca mais voltarão!
—assim tu doce illusão,
Fugiste, — e não voltas mais!*

A. LOPES VIEIRA.

os que se aproximavam dela a ficavam adorando para sempre.

Nesse dia entre os frequentadores da botica havia um poeta quartanista de direito, que lia um soneto que lhe era dedicado e que principiava:

Mariposa de azas róseas, deslumbrante...

e seguia por li fóra a falar de ilusões desfeitas e orações de amor...

Eu achava-me ali também, enchousido e triste, trajando luto rigoroso, porque era orfão ha poucos meses ainda. Pareceu-me que ela me olhava com interesse, talvez porque a minha tristeza lhe fizesse impressão — quem sabe mesmo se desejaria amar-me?

Eu era um pobre mocinho de quinze anos apenas. Quem é que nesta idade se não julga objecto das atenções duma mulher?

Por isso eu em secreto idílio, comeci a ama-la, e a sentir cá dentro o que quer que fosse que me abstraía por momentos das materialidades da vida.

Essa primeira sensação de amor inda a hoje sinto na alma e cada dia lhe encontro aspectos novos, porque a alma humana, á mingua de sensações fortes, deleita-se em rememorar o Passado, com todas as suas minudências. E quantas vezes a deusa nostálgica da Saudade nos não transmuta o prosaismo estúpido da vida em suave poesia vivificante?

II

Um ano depois vieram dizer-me:

—Sabes? A Berta, aquela de cabelos ondeantes, e dos olhos negros que te enfeitaram de amores? — Casou.

Tinha de facto casado com um tenente-médico e foram viver para uma quinta, numa aldeia das proximidades de Barcelos. Vi-a tempos depois. Trajava um vestido de seda azul, tão azul como o da abobada celeste em tarde de junho. E o colo-alvo e rosado como um ramalhete de flores de macieira presentia-se sob a espuma das rendas de tonalidades suaves. Confesso que me perturbei...

III

Mas dali a pouco a adversidade bateu-lhe á porta e Berta de Sousel ficou viúva! Vinte primaveras apenas! Uma creança!

Em casa de seus tios para onde de novo veio viver havia um caixeiro — o Leonardo. Era um sujeito antipático e grosseirão, moreno, a cara encosturada de bexigas, atarracado, um troglodita aperfeiçoado um pouco!

Mas era audaz e teimoso. Conseguiu insinuar-se, persistiu. O milhafre quiz apanhar a pomba entre as garras, quiz ser o herdeiro dos cincoenta contos do mercieiro rico. E foi-o, tarde, oito anos depois — tendo primeiro maneado habilmente a calunia e a insidia.

Pobre criança! Outra vez a adversidade lhe visitava a porta. Como era muito terna e meiga afeiçoou-se logo ao marido; mas o paquiderme escocinhava-a e trazia-lhe para casa uma governante com quem se amasiou. A pontos que a pobre Berta é que era a creada e a outra a senhora! Vieram como consequência os maus tratos; depois, privou-a das jóias e de todas as regalias.

Um dia viu-a conversar com aquele poeta que dez anos antes lhe dedicava sonetos.

Depois numa revista muito lida saíram publicados uns versos melódicos em que se falava de Paolo e Francesca, de amores incompreendidos, e de platonismos vários. Os versos vinham dedicados a B. e assinados por um pseudónimo.

Leonardo viu o caixeiro ler e leu também.

Nesse dia á noite o monstro bateu-a e po-la á porta da rua...

Estava inocente: os versos nem eram do poeta, nem lhe eram dedicados a ela.

IV

Foi dali a pe ter á quinta. Calcurriou uma légua, chegou lá fatigada e ardendo em febre. Para não dar escandalo, deitou-se no palheiro e no dia seguinte de manhã apresentou-se ao caseiro, pediu as chaves da casa e encerrou-se lá. Nesse dia ninguem mais a viu. No seguinte, a velha caseira foi bater á porta e chamar: «Senhora! Senhora!» A principio não respondeu ninguem; depois uma voz débil falou de lá:

— Pelas almas, caseira, traga-me uma tijela do seu caldo! Estou a morrer de fome.

Ha perto de tres dias que a misera não comia!... O supplicio atroz da fome, supportou-o enquanto pôde. Mas quiz ainda viver, quiz lutar contra o suicidio lento, terrivelmente insufrido a que se ia votar.

A pobre mulher depois de lhe ministrar um caldo grosseiro de couves e feijão, foi de longada e por seu alvedrio, a vila, pedir ao patrão que ao menos mandasse cinco tostões para a senhora comprar de pão. O biltre respondeu:

— Não dou, nem lhe consinto que você lhe dê nada. Está condenada a morrer á fome!

A boa mulher de volta deu o recado.

— Mas senhora, no meu pão e no meu caldo mando eu! Enquanto eu tiver a senhora D. Berta não morre á fome.

Berta de Sousel só replicou:

— Farei a vontade a meu marido.

E não comeu o pão negro nem o caldo de feijão que a lavadeira lhe trazia.

Ah! o atroz supplicio da desgraçada só pode ter simile no castigo de Ugolino no Inferno de Dante! Dois dias depois a caseira, ao entrar na sala onde Berta tinha a enxerga, deparou com ela enovelada no vão duma janela e já sem vida! Tinha morrido. Talvez mais de desgostos que de fome!

Minha pobre Berta! Tenho duas lagrimas sinceras nos olhos e uma comoção indizível a embargar-me a voz! Se te tivesse podido acudir...

Deus é bom e justo. O mundo foi para ti, que sempre foste boa, um inferno atroz. O teu verdugo terá também o seu inferno. Não lho desejas, pois não? Bem sei. Mas a Justiça é inexoravel.

Em Barcelos a 3 de maio de 1916.

Manuel Boaventura.

O primeiro dos predicadores

L'Education faz menção de uma brochura *Higiene do estudante*, escrita pelo medico militar de Chalons-sur-Saone, o dr. Ramally, — série de noções practicas sobre o vestuario, o alojamento e a alimentação do aluno, em que se faz a apolojia das lavagens plenas, da ventilação continua dos aposentos, e em especial a da abstenção absoluta do alcool.

Bem poucos dias ha que nós cruzamos com um mocinho dos seus treze ou quatorze anos, com todos os caracteristicos de um alcoolico inveterado. E quantos milhares de creanças por esse mundo não ha que sem o serem ainda, como aquele mocinho, estão habilitadas a sel-o, graças ao pernicioso costume de, pelo me-

nos ás refeições, injerirem «sem nenhuma necessidade», maiores ou menores porções de alcool.

«Pelo menos» dissémos nós, mas a verdade é que muitos d'esses futuros ebríos não se limitão a tão pouco. Dia fóra, depara-se-lhes mais de um ensejo de entrar nos cafés a bebericar couzas estranhas, conhecidas por estranhos nomes, umas vezes espontaneamente, para atender ás sollicitações já imperiozas do organismo, outras para condescender com os «amaveis» convites de amigos ou simplesmente conhecidos com que o acazo os faz topar.

Os estadistas verdadeiramente amantes da sua terra havião de fechar os olhos á questão economica e guerrear o vicio de beber, só pensando na questão moral e no futuro da especie.

O povo de Jenebra, na Suissa, convidado, não ha muito, em virtude do seu direito referendario a pronunciar-se quanto á aprovação ou rejeição da lei suprimindo a venda e fabricação do absinto, á imitação do que já fizera o nantão do Vaud, aprovou essa lei salvadora, não querendo saber para couza alguma do prejuizo material resultante.

N'alguns paizes, como na Inglaterra, dilijencia-se limitar o uzo de bebidas aos menores, bem como o tabaco, e crêmos que o governo portuguez já pensou em tomár medidas analogas.

E' bom, mas é insufficientissimo. Ha de ser de uma eficacia mui problematica o policia de cigarro na boca, repreender ou mesmo prender o menor que for surpreendido a fumar; da mesma fórma ha de ser estranho que em ruas onde muitos homens assentados a mezas carregadinhas de garrafas e cálices (é melhor dizer muitos adultos porque também as damas estão a proceder por essa fórma com aprazimento jeral) fazem publica *etalage* da sua predileção pelo alcool, se multe o botequineiro que vendeu cinco réis de qualquer de'essas drogas a um menor de 16 ou 17 anos.

Em tudo o exemplo ha de ser o primeiro dos predicadores.

Luz Leitão.

CRITICA BARATA

Informes particulares, sintomas algo expressivos e concludentes, vieram trazer ao meu conhecimento que a minha ultima crónica, sobre o incidente com o nosso paroco, no domingo de pascoa, pôs em alarme a familia reacionaria local e quasi motivou uma tremenda excomunhão sobre a minha apagada personalidade.

Que houve jornais devolvidos, é facto, porque assim m'o disse o digno director do «Cavado».

Mas, senhores, se as minhas impressões e considerações pessoais prejudicam as vossas crenças e a engrenagem religiosa a que pertenceis, porque não des-

carregais sobre mim as vossas iras e ides manifestar o vosso desagrado perante o director do jornal que nenhuma responsabilidade tem no que eu escrevo e assino?

Pois não seria natural que o paroco ao julgar-se ofendido, me excomungasse do alto do pulpito da sua igreja e me apontasse como jacobino aos fieis que o acompanham?

Não seria naturalissimo, até, que o mesmo paroco me escrevesse em nome de Christo ofendido, ameaçando-me de inferno perpetuo, ou me procurasse para pessoalmente se desagravar?

Segundo a logica, era o que deveria ter-se dado em seguida á publicação das minhas *heresias*: mas tais factos não se deram. Eu sei que uma das condições para assim proceder e a que mais necessaria se torna nestes casos, é a autoridade moral, e esta, pelo que também tenho ouvido, falha por completo ao exemplar sacerdote.

Outros houve e de tonsura bem notoria que fazendo da hipocrisia, a sua arma costumada, um manto de honradez, vieram protestar contra as minhas palavras, como se eu fosse *santo de rifa* ou *feiticeira a quem se não paga*.

Pobres farçantes!

Costumo a respeitar muito as saias, mesmo as daquelas que a desgraça atingiu na ultima degradação. As saias dos padres também não deixam de me infundir respeito quando a honradez, o caracter, a boa moral com elas irmanados, me impõem a consideração que por estas qualidades lhes é devida.

De outra forma, não!

O habito não faz o monge, é ditado velho, e o João Brandão porque alguma vez calçou botas de polimento e vestiu casaca, não deixou ainda hoje de ser considerado um ladrão.

Não, meus senhores padres, vossas reverendissimas só teem para mim valor pelas suas boas acções pela sua irrepreensivel conduta e pelas suas caridosas e magnanimas virtudes.

Podem pois excomungar-me com todos os condimentos da igreja e o auxilio dos crentes subditos fieis a sua magestade, que eu não deixarei de, sempre que vir hipocritas, lhes arrancar a mascara como fiz com a minha ultima crónica.

E, sem mais, sempre ao dispor de vossas reverendissimas para tudo em que lhes possa ser prestavel.

Antonio Cardoso.

Noticiario

Agradecimento

O Grupo Dramatico que, com o concurso brilhante de gentilissimas senhoras da nossa sociedade elegante, realizou no *Gil Vicente* os espectaculos de 30 de abril e 7 de Maio, vem mui penhoradamente apresentar a todas as pes-

soas que d'algum modo neles colaboraram, a expressão do seu mais sincero agradecimento.

E, em especial, o mesmo Grupo apresenta o seu maior reconhecimento ás distintas senhoras que nos referidos espectáculos tomaram parte, aos Ex.^{mas} Srs. Dr. Reis Maia e Dr. Gonçalo de Araujo, á Direcção do Teatro Gil Vicente, á Empresa Cinematografica e á Imprensa local, pelas inumeras provas de estima que ao Grupo Dramatico com tanta gentileza dispensaram.

Pelo Grupo Dramatico,

Antonio Cardoso d'Albuquerque.

Augusto Soucasaux

Artista na verdadeira e mais lata acéção da palavra, Soucasaux é um desmentido á affirmacão, feita por muitos, de que em Portugal não há artistas de merito real e de que só os trabalhos estrangeiros são dignos de apreço.

E a prova é verem-se esses magnificos quadros bremsos, expostos por aquêlê consagrado artista fotografico na vitrine do estabelecimento comercial dos srs. Vasconcelos & Costa, á rua D. Antonio Barroso.

Esses trabalhos honram o artista.

Soucasaux com bastos conhecimentos da arte fotografica, estuda constantemente, procurando aperfeicoa-la, estando sempre ao corrente da sua marcha progressiva e qualquer nova descoberta ou tentativa torna-se para êle motivos de novos estudos e de novas experiencias.

Esses retratos expostos agora por Soucasaux, são trabalhos na verdade reveladores duma suave nução artistica que fazem vibrar no espirito uma impressão agradável.

A Augusto Soucasaux as nossas saudações.

Gil Vicente

No ultimo domingo realisou-se no nosso teatro a *reprise* do programma levado á cêna no domingo de pascoela.

O publico teve mais uma vez a occasião de gosar um delicioso espectáculo.

Desempenho correctissimo por todos os simpaticos amadores, primoroso por parte de alguns e magistral, soberbo e admiravel pelas ex.^{mas} srs.^{as} D. Isolete Esteves e D. Noemia Valongo e pelo sr. Dr. Domingos de Figueiredo.

Consortio

No penultimo domingo realisou-se, na igreja matriz d'êsta vila, o enlace matrimonial do nosso presado amigo e illustre colaborador sr. Alberto Tavares de Magalhães, brioso alferes do 3.^o batalhão de infantaria 8, com a ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Calheiros Barreto, nossa prendada e gentilissima patricia.

Paraninfaram por parte de ambos os noivos o sr. dr. José Go-

mes de Matos Graça, distinto clinico e sua ex.^{ma} esposa D. Maria da Páz de Matos Graça

Aos simpaticos nubentes desejamos uma prolongada lua de mel e um futuro cheio de felicidades, de que são tão dignos.

« Cardeal Saraiva »

Entrou no 6.^o ano da sua publicação este nosso presado confrade semanario imparcial que se publica em Ponte do Lima, e quem tem como seu director o simpatico pentelinense, sr. Avelino Guimarães.

As nossas saudações.

Dr. Antonio Baltasar

Foi transferido da comarca de Santa Maria, para a de Mogadouro, o sr. Dr. Antonio Baltasar Pereira, illustre Delegado do Procurador da Republica, filho dileto do digno escrivão nesta comarca sr. José Claudio Pereira Baltasar.

As nossas felicitações sinceras.

Evasão de presos

Na 5.^a feira ultima evadiram-se das cadeias d'êsta vila os presos Artur Machado, o *Doutor*, casado, da freguesia de Oliveira e João Joaquim Gonçalves, o *Barreto*, casado, da freguesia de Encourados.

Aquêlê achava-se pronunciado pelos crimes de furto, e este havia ha tempos sido condenado, por tentativa de reubo, em prisão celular.

Vida Militar

Foi promovido a sargento ajudante para o regimento de Infantaria 25, Angra do Heroismo, e por ordem da Secretaria da Guerra colocado no regimento de Infantaria 30, Bragança, o 1.^o sargento sr. Antonio Maria da Costa.

Foi convocado para serviço extraordinario, pelo que efectuou a sua apresentação no nosso batalhão, o alferes medico miliciano, sr. Dr. Luiz da Cruz Ferreira.

Consta que em breve serão transferidos para os corpos a mobilisar, bastantes praças do nosso batalhão.

Pela ordem da Secretaria da Guerra foi mandada funcionar no nosso batalhão a escola de sargentos, pelo que foram convocados bastantes praças licenciadas.

Encontra-se doente no seu domicilio, o sargento ajudante de Infantaria 30, sr. Antonio Maria da Costa.

Foi entregue pela autoridade administrativa á autoridade militar o edificio do antigo collegio dos S.S. Corações de Jesus Maria, afim de ali serem aquartelados os novos recrutas.

Foram promovidos a 2.^{os} sargentos milicianos para o nosso batalhão, os srs. Lauro de Barros Lima, Manoel Candido Silva Correia, José Ferreira Morgado e Manoel Francisco Rios Novais.

Foi transferido para o regimento de Infantaria 28, Figueira da Fóz, afim de fazer parte da proxima expedição a Mocambique o 2.^o sargento sr. Custodio de Sousa Vizeu e para o regimento de infantaria 25, Coimbra, para o mesmo fim, os 2.^{os} sargentos srs. Porfirio Loureiro da Silva e Armando d'Abreu Araujo Malheiro.

Deu alta do Hospital militar de Braga, apresentando-se no nosso batalhão, o 2.^o sargento sr. Joaquim Antonio Miranda da Silva.

Movimento Judiciario

Audiencia de 4 de Maio.

Juiz Presidente — sr. dr. Silva Monteiro.

Delegado do Procurador da Republica — sr. dr. Morais Campilho.

Distribuidor — sr. dr. Castro Faria.

Escrivão de semana — sr. dr. Porfirio da Silva.

Distribuição civil

Ação nos termos do decreto de 29 de maio de 1907, de Ana Maria Batista, contra Manuel dos Santos Figueiredo e mulher, de Vila Cova.

Ao 6.^o officio, escrivão sr. Baltasar.

— Ação nos termos do mesmo decreto de Antonio Luiz de Araujo e mulher, contra Luiz Pereira de Pedro e mulher, de Oliveira.

Ao 2.^o officio, escrivão sr. Silva.

Audiencia de 5 de maio.

Ação nos termos do referido decreto, de Ermelinda Correia de Campos, contra Artur Ferreira de Campos, de Courel.

Ao 1.^o officio, escrivão sr. Cardoso.

— Ação nos termos do dito decreto, de Antonio José de Sá, contra Antonio Joaquim Rodrigues Castelo Grande, dos Feitos.

Ao 1.^o officio, escrivão sr. Cardoso.

Orfanologica

Inventario por falecimento de Joaquim Gomes da Fonseca, de Grimancelos.

Ao 5.^o officio, escrivão sr. Rocha Diniz.

Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passam:

Amanhã: o dos srs. Luiz Carvalho, José Moreira da Costa e Adelio Pereira Esteves.

No dia 16: o do sr. dr. Joaquim Pais de Vilas Boas.

No dia 17: o do sr. Joaquim José d'Araujo.

No dia 18: o da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Adelaide Fernandes Vinagre.

Estiveram:

No Porto: os srs. dr. Porfirio Antonio da Silva, Visconde da Fervença e Manuel Ramos de Paula.

Em Braga: os srs. Agostinho José Moreira e Pedro da Costa Vasconcelos.

Em Coimbra: os srs. dr. Luiz Gomes de Matos Graça e Manuel Carmona Gonçalves.

Em Famalicão: o sr. Antonio da Costa Portela.

Em Barcelos: os srs. Antonio Fiusa de Melo, José Mariano d'Azevedo Figueiredo e ex.^{ma} esposa, alferes João Hermínio Barbosa, Adão José Rodrigues, Jaime Valongo, Manuel Leão, Manuel Teixeira, Lauro Barros Lima, Antonio Fonseca, alferes Manuel de Freitas e o nosso illustre colaborador Manuel Boaventura.

Regressaram:

Da Africa: o sr. dr. José Belesa da Costa Almeida Ferraz, major medico.

Ao Porto: o sr. Augusto e Jorge Fernandes.

A Lisboa: o sr. Segismundo Alvares Pereira e Lima.

A Coimbra: o sr. dr. Secundino Alves Machado, Manuel Moaieira Esteves e Francisco Rodrigues Torres.

Delivrances:

Na penultima sexta feira teve a sua delivrance, dando á luz uma robusta creança do sexo masculino, a virtuosa esposa do sr. Agostinho Lopes dos Santos, digno solicitador desta comarca.

Enfermos:

Tem passado mal de saude a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Domenech, virtuosa esposa do sr. D. José Domenech.

— Também esteve enfermo o sr. alferes Alberto Tavares de Magalhães.

Embalsamadôr

Delfino Pereira, encarrega-se de embalsamações de aves e quadrupedes.
Rua José Falcão, Barcelinhos.

ANUNCIOS

ANUNCIO

2.^a PUBLICAÇÃO

No dia 14 do proximo mez de maio, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, teem de ser arrematados os mobiliarios penhorados a Abilio Dias da Costa, solteiro, maior, da freguesia de Barqueiros, em virtude da execução por custas e selos que lhe move o M. Publico, na comarca de Espozende, donde, para o mesmo fim veio carta precatoria, a saber:

Uma motociclete marca Leão Peugeot, completamente arruinada, avaliada em 30\$00 (trinta escudos): Uma bicicleta uzada avaliada em 15\$00 (quinze escudos): um quadro de biciclet, em bom estado, avaliado em 5\$00 (cinco escudos). E para que chegue ao conhecimento de todos se publica o presente.

Barcelos, 29 de abril de 1916.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O Escrivão do processo,

Manoel Cardoso e Silva

ANUNCIO

1.^a PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito d'êsta comarca de Barcelos e cartorio do escrivão do 5.^o officio, Rocha Diniz, corre seus termos um processo de ação de interdição por demencia, proposta por D. Gracinda Maria Gomes ou D. Gracinda Maria Gomes dos Santos e seu marido Armindo dos Santos, comerciantes, desta vila, contra seu sobrinho Benjamim Gomes da Silva, solteiro, de maior idade, filho de Diogenes da Silva Rosado e de Laurinda Maria Gomes Rosado, natural da cidade de Lourenço Marques e residente n'êsta vila, em companhia daquêles seus tios, e, por sentença de 8 do corrente mês de maio, foi decretada a interdição por motivo da arguida demencia, o que se anuncia para os efeitos legais, nos termos do art.^o 427 do Codigo de Processo Civil.

Barcelos, 10 de Maio de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O escrivão do processo,

Julio Mendes da Rocha Diniz.

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140

BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais ilustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos etc. Agua de colonia a retalho.

Postais ilustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Albums para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a côres. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Condiarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria. Cordas para instrumentos. Cartas de jogar. Carimbos de borracha. Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café. Cacau, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido se de specialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriidade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de côr e pretas lavradas para vestidos e blusas.
Chales de malha. Espartilhos. Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachenes, morins, panos crus, etc.
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.
Casimiras de côr, diagonais, picotilhos e cheviotes.
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapeus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance
do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

- 1.ª parte—O incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial.
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Mercearia e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriidade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.